



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 26

15 minutos de fama

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem aquela frase do Andy Warhol que todo mundo tá cansado de ouvir, né? Que no futuro, todo mundo vai ser famoso por 15 minutos.

Virou lugar-comum ficar brincando com esse cálculo. Com o tanto de subcelebridades que tem por aí, com tanto reality, com a velocidade das redes sociais... esses 15 minutos já ficaram bem longos.

Talvez o tempo de fama que caiba a cada um de nós seja só um minutinho. Ou 15 segundos. Ou um segundo só.

Mas o que eu não sabia – e que, na verdade, nem devia me surpreender – é que, na raiz dessa frase, tem um engano.

O Andy Warhol nunca disse isso.

Ele chegou a dar entrevista dizendo que a frase não era dele.

Então: de onde veio?

Tem uma história de origem que é a seguinte: ia rolar uma mostra do Warhol na Suécia, e os curadores tavam selecionando algumas frases dele pra destacar no texto que acompanhava a mostra.

E um desses curadores, num momento de inspiração – e desapego com a verdade –, meteu essa frase. Porque parecia uma frase que o Warhol falaria. Se foi isso mesmo, ele tava coberto de razão, né? Caiu que nem uma luva.

Mas tem também outro mito de origem dessa frase.

Tem um cara que diz que ele tava fotografando o Andy Warhol, e que tinha um monte de gente tentando entrar na foto... – e que aí o Warhol disse: “bom, todo mundo quer ser famoso, né?”

E aí o próprio fotógrafo teria dito: “Aham, durante uns 15 minutos”.

O que eu acho interessante dessa segunda versão é que ela já dá uma pista de como a fama é complicada.

A frase como a gente conhece é meio assim – com a evolução da mídia, e depois com a internet, todo mundo tem tanta chance de sair na TV ou viralizar de alguma forma que o holofote vai chegar pra todo mundo em algum momento.

Só que vai durar pouco, porque é um holofote fatiado.

E tem gente que diz isso meio em tom de lamento – tipo: “só” 15 minutos.

Mas, na versão desse fotógrafo, esse “só” pode ser lido como um alívio.

Só 15 minutos. Ainda bem!

No Rádio Novelo Apresenta de hoje, a gente tem três histórias sobre encontros fugazes com a fama. E eles não são encontros exatamente confortáveis.

A primeira história é da Natália Silva.

ATO 1

Natália Silva: Um dos problemas da fama é que o que leva até ela nem sempre tá sob o nosso controle. Você pode ser reconhecido por uma coisa que você se orgulha muito. Ou... você pode acabar como o Gabriel Biondo. Que ficou famoso como o "engenheiro viadinho".

Gabriel Biondo: Ai, ai... a famosa história do engenheiro viadinho (risos).

Natália Silva: Famosa mesmo. A ponto dele ser reconhecido na rua...

Gabriel Biondo: "Gabriel: ô, eu te conheço de algum lugar".

Natália Silva: Ficar sem entender nada.

Gabriel Biondo: E eu, ué? Da onde? Eu não te conheço.

Natália Silva: E então, infelizmente, entender tudo.

Gabriel Biondo: "Não, tu não é aquele... aquele cara da internet, do Twitter, o engenheiro que brigou com o pedreiro e aí eu disse não, não pode ser. Já aconteceu de uma série de oito vezes, sabe?"

Natália Silva: Ele ri agora, mas o começo dessa história foi bem baixo astral.

Gabriel Biondo: Tá, tu quer que eu comece desde o começo para te dizer o que aconteceu?

Natália Silva: Uhum!

Gabriel Biondo: Tava olhando até o tweet para me recordar um pouquinho da história, né?

Natália Silva: Porque quando a gente se falou, já fazia um tempo que tudo tinha acontecido.

Gabriel Biondo: Tá, enfim...

Natália Silva: A história é a seguinte: o Gabriel se envolveu numa treta esquisitíssima num lugar muito especial da internet.

Gabriel Biondo: (risos) aham!

Natália Silva: No reino do caos. Na rede social inimiga de contexto. O Twitter.

Gabriel Biondo: Eu acho que o Twitter é terra de ninguém mais do que qualquer outra rede social.

Natália Silva: Pra quem nunca usou o Twitter, primeiro, parabéns. Sábia decisão. O Twitter é uma rede social onde as pessoas podem postar vídeos, fotos e textos de até 280 caracteres.

Quem paga uma assinatura pode postar textos mais longos. Mas, pra maioria das pessoas, o espaço é esse, de 280 caracteres.

Que eu acho um espaço meio apertado pra fazer o que o Gabriel faz.

Gabriel Biondo: O meu Twitter é como se fosse um diário meu, que eu pego e falo o que acontece no meu dia a dia, os meus estresses...

Natália Silva: E no 8 de julho de 2020, ele viveu um grande estresse. Ele é engenheiro, tava tocando uma obra, e conversando com o pedreiro pelo Whatsapp sobre o que eles iam ter que fazer no dia seguinte.

Gabriel Biondo: E ele pegou e foi encaminhar as minhas mensagens falando que o material estava para chegar naquele dia X lá...

Natália Silva: O pedreiro, né? Que ia receber o material.

Gabriel Biondo: Ele foi mandar pra alguém, acho que foi para um colega dele de trabalho, e ele encaminhou para mim mesmo. E embaixo ele colocou assim: "mensagem do viadinho".

Natália Silva: "Mensagem do viadinho".

Gabriel Biondo: Aí na hora eu travei, né? Eu pensei: "que eu vou fazer?" E, sem pensar duas vezes, tirei print da conversa na hora, e no que eu tirei print, ele já apagou a conversa, e aí ele falou "mensagem errada". Eu só respondi "cara, eu vi! Que falta de noção", até coloquei um bah, bem gaúcho, né?

Natália Silva: Bem gaúcho.

O pedreiro desconversou, mas o Gabriel já tava estressado...

Gabriel Biondo: Eu tava puto da cara, eu vou usar essa palavra.

Natália Silva: E aí ele decidiu fazer o que?

Gabriel Biondo: Eu estava puto da cara.

Natália Silva: Xingar muito no Twitter. Daí ele pegou os prints que ele tinha tirado das mensagens e postou.

Aparecida: E aí o rapaz postou o print.

Gabriel Biondo: Postei...

Aparecida: Ele postou e foi trabalhar.

Gabriel Biondo: E começou a repercutir.

Aparecida: E o tweet começou a propagar, propagar, propagar...

Natália Silva: Essa é a Aparecida, que tava acompanhando esse acontecimento ao vivo, rolando freneticamente a timeline do Twitter.

Aparecida: Eu me classifico como uma pessoa que eu sou viciada no Twitter, porque eu não consigo largar.

Natália Silva: A Aparecida é viciada, mas o vício dela é um vício produtivo. Desde 2020, ela trava uma luta meio inglória contra a efemeridade do Twitter.

Aparecida: Eu tenho uma memória boa, né, para coisas inúteis...

Natália Silva: Todo dia, ela cataloga qual foi a grande polêmica das últimas 24 horas. O perfil dela virou uma espécie de calçada da fama da treta online. Foi ela, aliás, que me contou da "famosa história do engenheiro viadinho". Essa treta eu não tinha acompanhado.

Gabriel Biondo: Mulher, se eu te disser que tu colocar "engenheiro viadinho" no Google aparece a primeira coisa (risos).

Natália Silva: Eu nunca tinha jogado "engenheiro viadinho" no Google. Quem faria isso?

O caminho que me fez chegar nessa história foi outro: eu tava um pouco obcecada pelo catálogo do caos que a Aparecida faz, eu queria entender por

que ela decidiu fazer isso. E como ela fazia pra acompanhar esse ritmo frenético de desgraça.

E a Aparecida me contou que ela começou meio por acaso. Era uma época em que ela tava trabalhando de madrugada, dando plantão numa empresa de saneamento básico.

Aparecida: Então, eu trabalho num setor que ele monitora todo o sistema de água e esgoto... É... Remoto e como a minha escala é 12 por 48, eu trabalho um plantão de noite e depois, 48 horas depois do trabalho, um plantão de dia. Então, eu uso o Twitter de noite para ficar acordada.

Natália Silva: Acordada, com um olho no esgoto...

Aparecida: Eu consigo ver o nível das elevatórias de esgoto, eu consigo ver o nível dos reservatórios de água, eu sei quando começa a encher...

Natália Silva: ... e outro olho no Twitter.

Aparecida: quando um tuíte ele começa a ganhar proporção, eu gosto de ir lá, ver nos comentários, ver se o perfil que está comentando não é fake, se não é alguma coisa criada pelo... sei lá, a gente não sabe, né? Hoje em dia qualquer coisa pode ser uma publi, então eu sempre dou uma olhadinha nos perfis e tal.

Natália Silva: Se você nunca entrou no Twitter, tudo isso deve tá parecendo loucura. Um delírio coletivo. E tem dias que o Twitter é um pouco isso, um delírio coletivo. Tem brigas que acontecem lá que não aconteceriam em nenhum outro lugar. E foi tentando encontrar um exemplo pra explicar essa maluquice que a Aparecida acabou me falando do caso do engenheiro viadinho.

Aparecida: Tem uma que eu sempre uso de exemplo, que é a treta do pedreiro homofóbico

Natália Silva: A Aparecida segue outra linha editorial pra nomear o caso. Quando o tweet do Gabriel saiu dum cantinho onde só os amigos dele tavam lendo, e começou a chamar a atenção de gente que não conhecia nem ele e

nem o pedreiro, a Aparecida tava ali, de olho. Ela viu quando a coisa saiu do controle.

E quando começou a acontecer o que ela vê acontecer o tempo todo.

O tweet começou a se propagar...

Aparecida: propagar, propagar, propagar e as pessoas começaram a supor coisas.

Natália Silva: As suposições descambaram por um caminho completamente torto.

Lembrando que a única coisa que o Gabriel tinha postado eram os prints das mensagens. Só isso.

Gabriel Biondo: Não dei nenhuma característica sobre ele, não coloquei nome, não coloquei nada, nem foto.

Natália Silva: Não tinha mais contexto. O que tinha era a foto de perfil do Gabriel. E o nome da cidade dele.

Gabriel Biondo: Bah, bem gaúcho, né?

Natália Silva: Três Passos, no Rio Grande do Sul.

Aparecida: E as pessoas começaram a supor coisas.

Gabriel Biondo: E aí começaram a falar que eu era..

Aparecida: Ah, porque o pedreiro é negro, ele é periférico...

Gabriel Biondo: Aí ele é engenheiro, é rico, é filhinho de papai.

Aparecida: Você tá humilhando um pobre, você vai processar um trabalhador

Gabriel Biondo: Teve gente me ameaçando de morte por ter tirado emprego dele.

Aparecida: Você vai acabar com a vida dele, você vai tirar o sustento dele...

Gabriel Biondo: E olha o comentário que o cara fez: "isso aí, filha da puta, olha a justificativa que você está dando para tirar o emprego de alguém que pode ser um pai de família e provavelmente não teve condições de politizar e conscientizar, o problema nem é o seu diploma, mas você ser esse filho da puta rancoroso, esse viadinho rancoroso".

Aparecida: Começou a propagar assim.

Gabriel Biondo: Teve alguns comentários bem pesados que falaram que me colocariam, me esquartejaram, iam e me colocariam numa betoneira com um concreto.

Aparecida: Então ficaram o dia inteiro gastando o garoto,

Gabriel Biondo: tipo...

Aparecida: Xingando ele, sabe?

Gabriel Biondo: nível bem, bem baixo

Aparecida: E daí quando o rapaz veio de noite, ele disse que ele, o mestre de obras, não era negro, ele era branco, ele ganhava muito mais que o engenheiro porque o rapaz era recém-formado, e...

Gabriel Biondo: Ele chegava de caminhonete na obra, tipo... Muito bem, ganhou muito bem por esse obra, ele ganhava muito bem para outras obras também.

Aparecida: Não era pobre, o cara tinha uma condição bem melhor que a do rapaz que era engenheiro.

Gabriel Biondo: /meu pai tinha um mercadinho, faliu na época que eu estava na faculdade, então tive que trabalhar para conseguir terminar minha faculdade e pago até hoje, sabe?

Aparecida: é uma treta que mostra bem como as pessoas começam a supor as coisas no Twitter e tomam como verdade absoluta, e no fim, não é nada daquilo ali, sabe?

Gabriel Biondo: Então, eu acho que o Twitter, de certa forma, é mas de certa forma é bom para as pessoas verem que existem os dois lados da moeda, sabe?

Natália Silva: No fundo, toda fama tem uma pitada de mal entendido. O que fica famoso não é a pessoa inteira. É só um recorte muito pequeno dela, num ângulo que pode ser interpretado de jeitos diferentes por quem tá olhando... ou uma projeção de um personagem "baseado" nessa pessoa... ou uma "caricatura" dela. E pra maior parte de nós, meros mortais, essa caricatura é traçada em pedra. É muito difícil voltar e adicionar alguma nuance quando a gente talvez só tenha aqueles 15 minutos de fama.

É possível que o auge da fama do Gabriel seja essa fábula do engenheiro viadinho. A sorte dele é que, pelo menos no Twitter, todo dia, toda hora, tem mais alguém tendo seus 15 minutos de fama indesejada. Pelo menos dá pra se perder um pouco nessa multidão.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

A Aparecida, entrevistada dela, prefere que a gente não use o sobrenome dela. Mas você pode acompanhar o Twitter – imperdível – dela no @gobackto505. Tem o link lá no site da Rádio Novelo. Ela já usou o nome "Biblioteca de Alexandrismos", agora tá usando "Escriba do Umbral"... vai saber qual vai ser o nome dela quando você tiver ouvindo, então melhor ir no link lá no nosso site.

Nossa próxima história foi uma das primeiras que a Bia Guimarães trouxe numa reunião de pauta do Rádio Novelo Apresenta, e ela deixou a gente de queixo caído.

Não vou falar muito, mas talvez seja um dos melhores casos de confusão de identidade que eu já ouvi.

ATO 2

Bia Guimarães: Em 2009, a Coreia do Norte recebeu uma ótima notícia. Depois de décadas na seca, a seleção de futebol do país tinha conseguido se classificar pra Copa do Mundo. No caso, a Copa que ia acontecer no ano seguinte, 2010, na África do Sul.

Apesar do futebol ser um dos esportes mais populares de lá, a primeira e última vez que a Coreia do Norte tinha disputado uma Copa tinha sido em 1966. Então imagina só a expectativa.

Bom, pra se preparar pra esse grande momento, nada melhor que convidar uma outra seleção pra jogar um amistoso. A Coreia do Norte não costuma receber muitos visitantes. Não é à toa que o país é considerado o mais fechado do mundo. É super complicado ir pra lá. Mas era uma ocasião especial. E por que não convidar a seleção mais estrelada de todas? É por isso que, em novembro de 2009, a comitiva brasileira pousou em Pyongyang, a capital da Coreia do Norte. Depois de passar por revistas minuciosas, ter os celulares confiscados e fazer uma visita obrigatória ao monumento do Kim Il-Sung – que foi o primeiro líder do país e é avô do atual, o Kim Jong-un –, o time tava pronto pra jogar.

Klayton Scudeler: E saímos pro jogo com o ônibus. Aí nós já começamos perceber que já próximo ao estádio, uma movimentação grande de pessoas, sabe?

Bia Guimarães: Esse é o Klayton Scudeler. Ele era o goleiro do time brasileiro na época, mas naquele dia eles tavam desfalcados, então ele ia ficar na reserva, pra jogar na linha. E se você não lembra da seleção ter tido um goleiro com esse nome, cê já vai entender o porquê.

Klayton Scudeler: Aí um já olhava para o outro, falava se alguma coisa diferente aqui, essa movimentação tá estranha.

Bia Guimarães: Cê também já vai entender o que que tinha de tão estranho naquela multidão.

Klayton Scudeler: E aí nós chegamos no estádio. Nossa, tinha muita gente fora, muita gente. Cercaram o ônibus e a gente não sabia o que fazer. Ficava olhando para um lado para o outro...

Bia Guimarães: Só ali do lado de fora do estádio onde esse amistoso inédito tava pra acontecer tinha umas 20, 30 mil pessoas. E isso era só quem não tinha conseguido entrar, quem ia assistir pelo telão.

Klayton Scudeler: Aí a gente começou a olhar e falar. "Bom, vamos ver como é que vai estar lá dentro, né?" Porque o estádio de 80.000...

Bia Guimarães: Os jornais da época e as pessoas que eu entrevistei pra esse episódio contam que essa arena – que, aliás, leva o nome do Kim Il-Sung – tinha capacidade máxima pra 80 mil pessoas. Como essa capacidade foi mudando ao longo dos anos, a gente não conseguiu checar esse número certinho. Mas se for isso mesmo, 80 mil, é tipo o que o Maracanã comporta hoje em dia.

Klayton Scudeler: Aí entramos no vestiário e tal, aquela empolgação, euforia. Fala: "Nossa, que legal, Tem bastante gente!" E eu falo: "é, engraçado". Mas eu fui o primeiro a pisar no gramado. Eu estava meio curioso pra sair. Bom, vou lá ver antes como é que tá, e qualquer coisa eu volto. Aí eu fui. Eu lembro que era um túnel assim, extenso. Eu fui caminhando, caminhando, caminhando, e aí era uma portinha que dava direto no campo, né? E na hora que eu entrei assim e pisei, olhei pra frente, tava extremamente lotado. Aí olhei pro lado esquerdo, extremamente lotado. Olhei pro lado direito também. Aí eu dei mais dois passos pra ele atrás de mim. Eu dei dois passos, olhei atrás. Nossa, não tinha um lugar vazio.

Bia Guimarães: Nenhum lugar vazio. Tinha 80 mil pessoas lá pra assistir o amistoso. O placar mostrava PRK versus BRA – República Popular da Coreia versus Brasil. O Klayton voltou pro vestiário meio chocado.

Klayton Scudeler: Falei: "gente, o negócio tá abarrotado, tá lotado, não tem onde respirar lá dentro". E a gente já começou a dar risada, comentar: "acho que o pessoal tá achando que é a seleção brasileira. Por isso que tá lotado".

Bia Guimarães: Apesar do placar escrito Brasil e do uniforme amarelo, aquela não era a seleção brasileira. Não era nem uma equipe reserva da seleção, ou mesmo um time grande tipo o Flamengo, o Corinthians. Era... o

Atlético Sorocaba. Um time que não era o número 1 nem na cidade-sede dele. No caso, Sorocaba, no interior de São Paulo.

Klayton Scudeler: Todo mundo sabe que em Sorocaba o São Bento é 99% da cidade. Acredito que acredito que o Atlético não sobra e 1% de torcedores. Então a gente jogava com mil pessoas no estádio, estourando 2 mil...

Bia Guimarães: E agora o Atlético Sorocaba tava ali, jogando na frente de 80 mil pessoas, sem contar as 30 mil do lado de fora. Na Coreia do Norte.

Alexandre Alliaty: o que está acontecendo. Nós somos o Atlético Sorocaba. O que está acontecendo? Por que esse movimento todo?

Bia Guimarães: Esse é o Alexandre Alliaty. Ele é jornalista esportivo e trabalhou um tempão no portal GE – o Globo Esporte. Ele já escreveu sobre essa história e é fascinado por ela.

Alexandre Alliaty: É efetivamente uma história muito incrível. Um time do interior brasileiro ir parar na Coreia do Norte, do outro lado do planeta e num regime super fechado e difícil para brasileiros entrarem na Coreia do Norte. E de repente um time foi para lá.

Bia Guimarães: Que diabos o Atlético Sorocaba tava fazendo na Coreia do Norte? E por que que o estádio tava lotado daquele jeito? Aquela gente toda tava realmente achando que o jogo era contra a seleção brasileira? São muitas perguntas... E as respostas apontam pra um só homem.

Alexandre Alliaty: E o que estava por trás disso é uma figura muito controversa chamada Reverendo Moon.

Bia Guimarães: Reverendo Moon.

Eu sou de Sorocaba. E até pouco tempo atrás eu nunca tinha ouvido falar nessa história. Mas eu já tinha ouvido falar do Reverendo Moon.

Meu pai me contou que um dia um amigo dele tava andando na rua e uma mulher ofereceu uma flor pra ele. Ele ficou encantado com ela. Aí, essa mulher convidou ele para ir pra um outro lugar, uma casa, e, chegando no quarto ele deu de cara com um quadro com uma foto do Reverendo Moon.

Ele achou muito estranho. Já a minha mãe lembrava de ter ouvido falar e de ter visto notícias que o Reverendo Moon liderava uma daquelas igrejas que faziam lavagem cerebral nas pessoas. Uma coisa meio seita, meio Osho, meio new age.

Mas eram aquelas histórias um pouco soltas, sabe? Que aparecem nos almoços de família e você não sabe até que ponto dá pra botar fé ou não. Então eu fui procurar mais detalhes sobre quem foi esse homem.

O nome dele era Sun Myung Moon. Ele nasceu em 1920 numa região que hoje fica no território da Coreia do Norte, mas na época ainda não tinha essa divisão. E em 1954, quando essa fronteira já existia, e ele tava vivendo na Coreia do Sul, ele criou uma espécie de comunidade religiosa. A Associação das Famílias para Unificação e Paz Mundial, também conhecida como Igreja da Unificação. Ou... Seita Moon.

Mediador: Certainly many of you who have seen the posters all over the city of New York have been wondering: "what is it that is so different about reverend Sun Myung Moon?"

Bia Guimarães: A comunidade ganhou rótulo de seita por pregar algumas filosofias curiosas, por causa do jeito que os seguidores encaravam a figura do Reverendo Moon, e pela maneira como ele mesmo se vendia.

Mediador: In 1936, on Easter Morning when he was deep in prayer, Jesus Christ appeared to him

Bia Guimarães: O Moon dizia que um dia Jesus tinha aparecido pra ele e pedido pra ele continuar o seu serviço. Ou seja, tinha pedido pra ele assumir o trabalho de evangelização que Jesus tava fazendo antes de ser crucificado. O Moon dizia que o mundo precisava de um novo messias pra afastar o pecado e alcançar a união e a paz. E, no caso, o messias era ele mesmo.

*Mediador: May I present the Reverend Sun Myung Moon [aplausos]
Reverendo Moon: (saúda todos em coreano)*

Bia Guimarães: Com esse discurso meio neocristão, a Igreja da Unificação ganhou seguidores no mundo inteiro entre os anos 60 e 80. Tinha fiéis espalhados principalmente pela Coreia do Sul, pelo Japão e pelos Estados Unidos, onde ele morou nos anos 70.

E uma das coisas que mais chamava atenção nessa comunidade eram os casamentos coletivos entre fiéis que mal se conheciam. Rolava praticamente um Tinder analógico: o Moon e os outros membros da igreja montavam os casais com base em questionários, fotos e pitacos de pessoas que faziam parte da associação. Eles apresentavam os casais, e aí casavam um monte deles ao mesmo tempo.

Um desses casamentos aconteceu no Madison Square Garden, lá em Nova York, em 1982.

Tradutor: Do you, as an ideal husband and wife, pledge to establish an eternal family with which God can be happy (fade por baixo)

Bia Guimarães: Foram mais de 2 mil casais de uma vez só. E olha que esse nem foi o maior.

Casais em unísono: Yes!

Bia Guimarães: Mas tinha outras coisas que ajudaram a dar fama de seita pra Igreja da Unificação. Reportagens contam que a associação do Moon pressionava os fiéis a doarem dinheiro em troca de, entre aspas, "elevação espiritual" e proteção dos entes queridos que já tinham morrido. Também teve gente que acusou a igreja de fazer lavagem cerebral pra recrutar e manter os membros lá dentro. Diziam que as pessoas cortavam relação com os amigos e familiares por causa da religião.

O reverendo Moon sempre negou tudo isso. Ele falava que todo mundo que tava lá, tava por vontade própria. E que todas as doações eram feitas por livre e espontânea vontade. Ele também chegou a dizer que tava sendo vítima de preconceito religioso e racismo, por ser coreano.

Nesse ponto, se a gente parar pra pensar, realmente tem muita igreja por aí que pede dinheiro e tem ares de lavagem cerebral, mas não é tachada de seita.

Bom, mas onde é que o Atlético Sorocaba entra nessa história toda? A gente já vai chegar lá.

Em paralelo com os casamentos em massa e todas as atividades religiosas, o Reverendo Moon ia construindo um outro tipo de império. Um império de

negócios, principalmente na Coreia do Sul e no Japão. Ele investiu na indústria farmacêutica e na de automóveis, em hospitais, em empresas de comunicação...

E o resultado é que o Moon se tornou um multimilionário. Um multimilionário controverso que chegou até a ser preso nos Estados Unidos, por evasão fiscal. Mas ainda assim, um rico poderoso e autoproclamado messias que se dizia empenhado na luta pela paz mundial e a união entre os países.

Ah, faltou falar que ele adorava futebol. E acreditava que o futebol podia ter um papel importante na missão de unir e pacificar o mundo. Ele inclusive já tinha um time na Coreia do Sul, mas nenhum desse lado do globo. Ainda.

Foi nos anos 90 que a Igreja da Unificação começou a olhar com mais carinho pra América do Sul. O Reverendo Moon tava prestes a implementar no Brasil duas ideias ambiciosas. Ou pelo menos tentar implementar.

Primeiro ele comprou milhares de hectares de terras no Mato Grosso do Sul e escolheu uma cidade – chamada Jardim – pra fincar uma bandeira da igreja. O plano era levar imigrantes pra morar lá – principalmente coreanos e japoneses – e então transformar a cidade num lugar modelo pro mundo, um símbolo de união. E a segunda coisa que ele queria aqui no Brasil, pra cumprir essa missão de paz, era um time de futebol. Ele até chegou a organizar um time no Mato Grosso do Sul, mas ele precisava de um clube que tivesse mais potencial de disputar campeonatos importantes no Brasil, ou mesmo fora do Brasil. Quem sabe até romper as fronteiras mais rígidas do planeta.

Nisso, a gente já tá na virada pros anos 2000. Enquanto o Reverendo Moon tá fazendo discursos sobre salvar o mundo, tem um clube do interior de São Paulo precisando muito de algum tipo de salvação. Ele... o Atlético Sorocaba.

O Atlético Sorocaba tinha sido criado no começo dos anos 90 com muita promessa. Ele foi fundado por um empresário que já comandava na cidade uma equipe de basquete feminino bem respeitada. Nomes grandes como Janeth e Hortênsia passaram por lá.

A ideia desse empresário era criar um time de futebol pra rivalizar com o São Bento, o principal time de Sorocaba. O clube tinha tudo pra trilhar uma história de sucesso.

Só que, lá pro final dos anos 90, os negócios desse empresário começaram a descambar.

Aldo Caciolato: Ficou todo mundo sem receber salário, uns três, quatro meses...

Bia Guimarães: E isso refletia no time.

Aldo Caciolato: Nós disputamos de 93 a 2000 só a Série A3.

Bia Guimarães: No caso, Série A3 é a terceira divisão do campeonato paulista.

Aldo Caciolato: E nós não conseguíamos subir porque não tinha plantel – jogadores para. Para cair para esse nível de conseguir fazer o time subir.

Bia Guimarães: O Aldo Caciolato foi roupeiro do Atlético Sorocaba por 25 anos. Ele era responsável por cuidar dos uniformes e outros materiais. Ele mandava comprar o que tava faltando, levava roupa suja pra lavanderia, depois trazia de volta...

E não tava fácil a vida do time ali no comecinho dos anos 2000. Até que um dia...

Aldo Caciolato: E um dia nós estávamos... fomos jogar em Jaboticabal e nós vimos uns coreanos na arquibancada. O nosso técnico falou assim: lá está os compradores do Atlético Sorocaba.

Bia Guimarães: Eram representantes da igreja do Reverendo Moon já mexendo os pauzinhos pra comprar o Atlético. Pra assim, quem sabe, alcançarem o grande objetivo.

Aldo Caciolato: Para a paz mundial. Vamos dizer assim...

Bia Guimarães: Desde que eu comecei a fuçar nessa história, eu sempre achei muito engraçado o Reverendo Moon ter escolhido justo esse time pra uma missão tão ambiciosa. Eu, que cresci na cidade, não lembro nunca de ter ouvido alguém dizer que torcia pro Atlético.

Mas depois eu fui entender que os critérios de escolha eram muito mais práticos. O Atlético Sorocaba tinha duas qualidades: ele tava sediado no estado de São Paulo, não muito longe da capital; e tava precisando ser comprado. Pronto.

Foi assim que o Atlético Sorocaba virou oficialmente um time da Associação das Famílias pela Unificação e Paz Mundial. O Reverendo Moon era o dono do clube, e um dos filhos dele ajudava a tomar conta.

Aldo Caciolato: Nossa, transformou tudo. Daí ficou o paraíso, né?

Bia Guimarães: O Aldo, que tinha vivido todo o período de vacas magras, lembra como essa compra revolucionou completamente a vida do time. Os salários já não atrasavam mais. Tinha recurso suficiente pra comprar todos os uniformes e materiais necessários. Os jogadores tavam em condições muito melhores. E mais motivados.

Aldo Caciolato: Em 2002 nós subimos para a Série A2, que é um pulo para a Série 1, onde iria jogar contra Santos, Corinthians, Palmeiras, São Paulo.

Bia Guimarães: Tava começando a era de ouro do Atlético Sorocaba.

Aldo Caciolato: Foi uma maravilha. Graças a Deus.

Bia Guimarães: Nessa época o time ganhou um centro de treinamento de ponta, com hotel, academia, campo, restaurante...

Alexandre Alliati: É um CT assim comparável a alguns dos principais CTs de alguns dos principais clubes brasileiros. Uma estrutura excelente.

Bia Guimarães: Aqui de novo o Alexandre Aliatti, jornalista esportivo.

Alexandre Alliati: Então, o investimento foi realmente muito concreto.

Bia Guimarães: Os jogadores dos outros times do interior tinham até inveja dos jogadores do Atlético. Era bom trabalhar lá.

Alexandre Alliat: Não é o que eles costumam encontrar em situações parecidas em clubes parecidos. Então, por esse motivo, eles gostavam do Reverendo Moon. O reverendo oferecia para eles um clube organizado, um clube eficiente.

Bia Guimarães: Parecia tudo muito bem, tudo muito bom. Mas uma coisa que não saía da minha cabeça nessa história toda era se, de alguma maneira, a Igreja da Unificação influenciava na vida e nas crenças dos funcionários. Eu perguntei isso pro Aldo, que era o roupeiro nessa época.

Aldo Caciolato: Não não. Nem jogador nem funcionário, não era obrigado a nada na religião, não tinha nada.

Bia Guimarães: O Klayton Scudeler, que era o goleiro, confirmou essa versão.

Klayton Scudeler: Eles não obrigavam a nada em relação a associação das famílias, a religião e tal. Eles Algo que eles prezavam muito era sobre ser um bom cidadão e isso, isso eles prezavam bastante. Agora em relação a frequentar a igreja, a igreja deles, essas coisas não, nunca teve. Nunca tivemos nada com isso.

Bia Guimarães: Também chequei com o Alexandre, que já escreveu matéria sobre essa história e entrevistou outros jogadores e funcionários do time.

Alexandre Alliat: Eu não ouvi nenhum relato esquisito sobre trato com o reverendo, não. O que eles falam... eles têm ciência de que é uma figura controversa. Mas a relação pessoal deles, não houve nenhum caso de algo esquisito, algo fora da curva, de alguma pressão religiosa ou algo assim.

Bia Guimarães: Entre uma temporada e outra nos campeonatos, o Atlético Sorocaba tirava um tempinho pra estabelecer laços com outros países e ficar cada vez mais perto do sonho do Moon.

Aldo Caciolato: Todos os anos, a partir de 2002, 2003, todos os anos, o reverendo Moon queria que o Atlético fosse para Ásia, Japão, China, Coreia, Coreia do Sul, é claro.

Bia Guimarães: Coreia do Sul. Coreia do Norte, ainda não. E eles de fato viajavam, jogavam com times desses países, criavam pontes. Até que, em 2009, veio a notícia da classificação da Coreia do Norte pra Copa do Mundo.

Alexandre Alliat: Era um grande feito para a Coreia do Norte, e que casava muito bem com certos objetivos tradicionais de ditaduras. Assim, de regimes, de regimes fechados, de usar o esporte como uma demonstração de força. Então havia uma certa euforia de que a Coreia do Norte conseguiu classificar para a Copa do Mundo.

Bia Guimarães: Essa história tá cheia de gente interessada em usar o futebol pra passar uma mensagem. Do lado de lá do globo, essa era a chance da Coreia do Norte marcar presença num dos maiores eventos esportivos do mundo. Do lado de cá, era a oportunidade perfeita pra planejar um amistoso do Atlético Sorocaba contra a seleção norte-coreana. E assim não só fortalecer os laços entre o Brasil e a Coreia do Norte, mas também entre o Moon e a Coreia do Norte.

Tá mais um fato inusitado sobre o Reverendo Moon. Ele era conservador, era até considerado um anticomunista. Mas ele mantinha boas relações com a Coreia do Norte, e chegou a se reunir algumas vezes com o Kim Il-Sung pra discutir como restabelecer a paz entre as Coreias.

E foi assim que, em novembro de 2009, o Atlético Sorocaba embarcou pra Pyongyang. E aí rolou toda aquela cena que eu te contei no começo.

Alexandre Alliat: Milhares e milhares e milhares de pessoas. E o ônibus que leva o elenco ao estádio é cercado pelas pessoas e as pessoas estão eufóricas. Eles entram e percebem que o estádio está tomado, tomado, absolutamente lotado, um estádio gigantesco para 80 mil pessoas. E ele está tomado. E eles olham para o telão e eles vêem que no telão não está o Atlético Sorocaba. Está Brasil.

Bia Guimarães: Mas faltou falar de uma camada dessa história. Uma camada meio nebulosa, pra falar a verdade.

Alexandre Alliat: O jogo, não era contra o Atlético Sorocaba. O jogo era contra o Brasil.

Bia Guimarães: Como foi que o Atlético de Sorocaba foi de time do interior de São Paulo à Seleção Brasileira?

Alexandre Alliat: E então eles começam a perceber que, na verdade, o regime vendeu aquele jogo como um jogo entre a seleção da Coreia do Norte e a seleção brasileira.

Bia Guimarães: É que depois do jogo – que aliás ficou 0 a 0 –, o pessoal do Atlético Sorocaba começou a conversar melhor, e a pensar sobre o que tinha acontecido. E eles levantaram a hipótese de que pudesse ter rolado ali uma espécie de armação.

Que o governo norte-coreano – naquela ideia de usar o futebol como ferramenta de poder – tivesse falado pra população que aquele ia ser um jogo contra a seleção mais estrelada do mundo, a brasileira, e não contra o Atlético Sorocaba.

Klayton Scudeler: Eu acho que foi vendida essa história lá pro pessoal.

Alexandre Alliat: Depois do jogo, o pessoal do Atlético Sorocaba saiu do jogo com aquela desconfiança e eles depois foram meio que comprovando isso, com informações que chegavam até eles por meio desse caminho diplomático que o clube tinha com a Coreia do Norte, sabe? As pessoas com quem eu entrevistei, as pessoas que participaram dessa viagem, elas são muito convictas de que foi efetivamente isso que aconteceu. De que aquelas 100 mil pessoas, algo assim em volta do estádio, realmente não estavam lá para ver o Atlético Sorocaba.

Bia Guimarães: Não era só por causa do placar mostrando Brasil versus Coreia do Norte que eles tavam cogitando isso.

Klayton Scudeler: Diversas coisas foram estranhas nesse jogo para nós.

Bia Guimarães: Os brasileiros ficaram com a impressão de que toda aquela gente no estádio tava lá por razões mais oficiais. Não parecia uma torcida comum assistindo um amistoso. Praticamente só tinha homem e a maioria usando roupas em tons de preto e marrom. Talvez pudessem ser militares e membros do governo.

Klayton Scudeler: Nenhuma manifestação. Silêncio total. Dava para escutar os nossos jogadores conversando em campo para você ter ideia.

Bia Guimarães: Na verdade, no vídeo da partida dá pra ouvir os gritos da torcida. Mas a percepção do Klayton é que o jogo tava mais quieto do que o esperado. Uma torcida daquele tamanho devia fazer uma barulheira enorme, né...

Klayton Scudeler: E nós estamos falando de um estádio com 80 mil pessoas. Eu brincava com o pessoal que os mil torcedores do Atlético faziam muito mais barulho que os 80 lá.

Bia Guimarães: Até aí, podia ser só uma coisa cultural, de costumes. Mas a questão é que o Atlético Sorocaba voltou pra Coreia do Norte no ano seguinte, 2010, pra jogar de novo com a seleção de lá. E dessa vez o perfil do público era totalmente diferente.

Alexandre Alliati: Já havia mais mulheres, por exemplo, o público parecia mais, mais real, mais popular.

Bia Guimarães: É difícil saber o que de fato aconteceu. Se realmente o jogo de 2009 foi anunciado pra população como um amistoso entre a seleção brasileira e a seleção da Coreia do Norte – e por isso o estádio lotou. Se esse evento teve mesmo um caráter oficial pros norte-coreanos, e realmente a maioria das pessoas que tava ali eram militares ou membros do governo.

Ou se, na verdade, o estádio ia lotar de qualquer jeito, independente do adversário. Porque, afinal, a Coreia do Norte tava em clima de Copa, e a população podia tá louca pra ver a seleção nacional jogar.

O complicado de falar da Coreia do Norte é isso. A gente nem sempre sabe o que é fato, o que é notícia distorcida, e o que é fruto do nosso olhar contaminado – às vezes até preconceituoso.

Então alguns detalhes dessa história ficam nesse limbo. A gente fica sem saber exatamente o que aconteceu quando o Atlético Sorocaba foi jogar do outro lado do planeta. Talvez a gente nunca saiba direito.

Poucos times do mundo tiveram a chance de jogar na Coreia do Norte. A seleção brasileira real oficial nunca jogou lá, mas enfrentou os norte-

coreanos naquela Copa de 2010, na África do Sul. Inclusive alguns jogadores do Atlético Sorocaba chegaram a dar entrevistas na época dando dicas pra seleção brasileira. Porque ninguém sabia muito bem qualé que era a da Coreia do Norte em campo, mas eles já tavam experientes.

No verdadeiro jogo entre Brasil e Coreia do Norte, a gente ganhou de 2 a 1. Depois a seleção norte-coreana jogou contra Portugal e levou um couro: 7 a 0. E depois ainda perdeu de 3 a 0 pra Costa do Marfim. Eles não participaram de outras copas desde então.

Em setembro de 2012, o Reverendo Moon morreu, aos 92 anos. A família se encarregou de tocar os negócios, mas o Atlético Sorocaba já não era prioridade.

Sem patrono e sem dinheiro, o time também foi morrendo aos poucos. Começou a cair nas divisões, jogar cada vez menos... Até deixar os campos de vez em 2016.

Já o império milionário da família Moon e a igreja que ele fundou, a Associação das Famílias pela Unificação e Paz Mundial, ainda existem. Tem filiais ativas pelo mundo e no Brasil, apesar do número de fiéis ter diminuído bastante.

10 anos atrás eles diziam ter cerca de 3 milhões, só que alguns estudiosos dessa comunidade falavam que o número real era bem menor. Talvez umas 50 mil, talvez umas 500 mil pessoas. É mais uma coisa dessa história que não dá pra gente saber direito. Mas fato é que ainda rolam casamentos coletivos enormes, principalmente na Coreia do Sul.

E vira e mexe o nome do Reverendo Moon volta pros noticiários. No ano passado isso aconteceu por causa do assassinato do ex-primeiro ministro japonês, o Shinzo Abe. O assassino confessou pra polícia que tinha matado o Shinzo Abe porque ele favorecia uma certa comunidade religiosa que tinha extorquido a mãe dele e destruído a vida da família inteira. A polícia não revelou o nome da tal igreja, só que depois a própria Igreja da Unificação confirmou que a mãe do assassino fazia parte da associação. Mas falaram que aquela doação milionária tinha sido totalmente voluntária.

Em Sorocaba, o que sobrou dessa era de ouro do Atlético foi só o Centro de Treinamento de ponta, que outros times alugam de vez em quando pra se hospedar e treinar.

Klayton Scudeler: É triste. Eu passei lá a minha adolescência inteira, que eu cheguei lá com 12 e saí com 22. Eu passei mais tempo ali do que com a minha família. Passei mais tempo com pessoas lá do que com a minha própria família. Então, quando você vê que é um projeto promissor, ele se encerra e aonde você viveu um tempão e bate aquela, aquela tristeza.

Bia Guimarães: A sensação que dá é que, durante os anos de ouro, nas mãos do Reverendo Moon, o clube passou mais tempo construindo pontes pra fora do país do que dentro da própria cidade. Eu fico pensando que tem mais gente na Coreia do Norte que viu o Atlético jogar do que em Sorocaba.

Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior do Rádio Novelo Apresenta.

Até aqui, a gente teve uma fama twitteira bem fugaz e desagradável e uma fama possivelmente decorrente de confusão de identidade – mas provavelmente nenhuma das duas chega perto do tipo de fama que o Andy Warhol (ou o ghost writer dele) tava pensando.

Então, pra corrigir essa falha, por último, a gente tem uma história sobre fama de verdade. Fama das antigas.

Nosso guia nessa tour vai ser o Ramon Vitral.

ATO 3

Ramon Vitral: A história que eu vou contar envolve um médico brasileiro e uma pessoa muito famosa. Mas famosa mesmo. Tipo: mundialmente famosa.

O médico brasileiro é o Lamim. Na verdade, esse é o sobrenome dele.

Raul Lamim: O meu nome é Raul Fernando Binato Lamim.

Ramon Vitral: O Lamim é patologista, diretor do Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais. Ele também é professor aposentado da Universidade Federal daqui.

Eu moro em Juiz de Fora e ouvi falar do Lamim pela primeira vez por uns conhecidos. Eles foram alunos dele, e trabalharam com ele no Hospital Universitário.

Raul Lamim: Eu tenho 76 anos, nasci na cidade de Santa Rita do Jacutinga, no sul de Minas.

Ramon Vitral: Longe de mim querer ser bairrista aqui, mas Juiz de Fora num é exatamente uma cidade pequena. Tem mais de 570 mil habitantes. Mas Santa Rita de Jacutinga dá pra chamar de pequena, sim. Em 2021, tinha só 4843 habitantes. Já teve tempo em que o Tupi, o time de futebol aqui de Juiz de Fora, colocava mais do que isso na arquibancada, em dia de jogo.

O Lamim nasceu lá em Santa Rita, mas se formou na Federal daqui, em 1970. Em 82 ele começou a trabalhar na Santa Casa. E foi lá, no Laboratório de Anatomia Patológica, que ele me recebeu pra essa conversa.

Raul Lamim: É, aqui nessa sala a gente faz macroscopia, mas a gente recebe peças cirúrgicas de pacientes portadores das várias doenças.

Ramon Vitral: É uma sala com uns 30 metros quadrados e sete microscópios. Esse barulho que às vezes dá pra ouvir durante a fala dele é da troca das lâminas dos microscópios.

Raul Lamim: A gente recebe essas biópsias pra diagnóstico e para estadiamento clínico, que é fundamental para se programar o esquema terapêutico e prognóstico...

Ramon Vitral: Tem armários em todas as paredes, menos numa. E, nessa parede sem armários, tem 12 diplomas pendurados. Um desses diplomas é bem importante pra essa história aqui.

Na verdade não é bem um diploma, é um atestado de proficiência médica, de 1972, que foi o que possibilitou ao Lamim fazer residência e mestrado nos Estados Unidos.

Raul Lamim: Pra você ter uma ideia, nem de avião eu tinha andado na minha vida. Então eu fui.

Ramon Vitral: O Lamim foi. Ele passou pelos estados do Missouri e Texas, mas acabou fixando base num hospital batista da cidade de Memphis, no Tennessee. O Hospital Batista de Memphis.

O Lamim chegou nesse hospital em 1977.

Raul Lamim: Então eu optei por esse Hospital Batista porque era o hospital que tinha um movimento cirúrgico muito grande, porque tinha 1870 leitos naquela época e tinha um movimento cirúrgico em torno de 450, 500 cirurgias por dia. Eu acho que eu ia aproveitar muito mais tendo essa vastidão de matéria para poder aprender o melhor que eu pude.

Ramon Vitral: E, assim, dependendo do quanto que você gosta de música, pode ser que, só de ouvir o nome Memphis, você já tenha descoberto quem é a tal pessoa mundialmente famosa que eu falei no começo.

Isso porque essa pessoa foi o mais ilustre morador da história de Memphis: Elvis Presley. O Rei do Rock.

O Elvis não nasceu em Memphis.

Ele nasceu em Tupelo, no Mississippi.

Mas ele acabou passando muito tempo da vida dele em Memphis.

Foi lá que ele construiu aquela mansão famosa, Graceland – que agora virou um museu mantido pela família dele, que recebe mais de 500 mil visitantes por ano.

Raul Lamim: Eu morava perto da casa dele e passava com muita frequência em frente da casa dele, mas nunca o vi pessoalmente. E mesmo porque, você podia encontrar com ele ali, você não ia saber que era ele, porque ele sempre saía disfarçado, dizem, né?

Ramon Vitral: Eu não sei se você chegou a ver a cinebiografia mais recente sobre a vida do Elvis. Fez bastante sucesso esse filme, saiu em 2022. Quem

faz o Elvis é um ator chamado Austin Butler, e o Tom Hanks faz o empresário dele.

E o filme foca bastante nesse período em que o Elvis morou em Memphis, mais pro fim da carreira dele, numa pegada "astro em declínio", com problemas de saúde por causa do uso excessivo de medicamentos controlados.

O Lamim me contou que volta e meia o Elvis era internado lá no Hospital Batista.

Mas o Lamim mesmo nunca chegou a ver o Rei do Rock nessas internações.

Raul Lamim: Não, não, porque o andar era fechado, fechado, policiado. E aí entrava lá e a gente não podia chegar lá por ser médico ali do hospital, ir lá pra conhecer o Elvis Presley, sei nem se ele ia me receber.

Ramon Vitral: O único jeito do Lamim ver o Elvis ia ser no palco mesmo. Por sorte, ele fazia shows em Memphis com frequência, até.

Raul Lamim: Até a gente já tinha programado o pessoal do hospital lá 'ah, quando tiver ingresso à venda, cê me fala que eu quero'. Mas aí aconteceu que não se previa.

***Notícia Jornal Nacional:** Agora à noite, o Hospital Batista de Memphis informou que Elvis Presley foi encontrado morto por seu empresário. Elvis, com 42 anos, muito mais gordo e um casamento acabado, vivia sozinho em sua mansão do Presley Boulevard, em Memphis. E, na solidão, sempre assistia ao filme que conta a história dele.*

Ramon Vitral: Olha, eu só espero que, se um dia alguém for escrever um obituário sobre mim, o texto seja um pouquinho mais carinhoso.

Bom, mas o Elvis morreu, né? Em 16 de agosto de 1977.

E, como você ouviu – na voz do Cid Moreira –, quem informou a morte dele foi... o Hospital Batista de Memphis.

Raul Lamim: É, a minha lembrança foi uma lembrança de muita surpresa e tristeza também porque eu era um fã do Elvis Presley. Quem não é, né? Principalmente quem viveu aquela época. Então, quando a secretária de necrópsia me falou que eu não podia sair porque tinha essa necrópsia para fazer, e quando ela me falou que era o Elvis Presley, eu achei que estava brincando comigo, sabe? Porque ela sabia que eu era fã do Elvis Presley. Mas, infelizmente, era isso mesmo.

Ramon Vitral: O Lamim, na época com 29 anos, tava de plantão no hospital.

Raul Lamim: A minha rotina é o seguinte: eu estava num programa de mestrado, então eu exercia minha atividade, que o meu chefe gostava de mim, sabe? Então eu trabalhava das sete a uma hora da tarde na minha rotina de residente e uma hora da tarde eu ia para a biblioteca trabalhar na minha tese. E naquele dia eu estava de plantão. E então ali pelas quatro horas, quatro e pouquinho, eu fui pegar o meu aparelho de comunicação, que chamava Bip, pra ir pra casa, que eu estava meio cansado e continuava lá. Foi quando ela falou comigo o que tinha acontecido.

Ramon Vitral: O Rei do Rock tinha morrido. E precisavam do Lamim pra fazer a necropsia.

Raul Lamim: A princípio eu não acreditei, né? Mas aí quando eu ouvi do lado de fora do hospital aquele monte de gente lá, de repórter, de caminhões, desses de reportagem, televisão e tudo mais, aí eu falei 'ah, deve ser ele mesmo'. Aí eu fui lá no setor da morgue que eles chamam, que é a sala de necrópsia. Eu fui ver e vi que era ele mesmo. Reconheci que era ele mesmo. E de início, quando me falaram que era o Elvis Presley e eu tive até um pouco de medo também. Eu até quis fugir né? Tinha uma pessoa que era muito minha amiga lá, chamada Dennis Smith. Eu fui atrás dele, falei, 'ô Dennis, quebra esse galho para mim aí, faz isso, é seu conterrâneo'. Ele falou, 'não, o chefe quer que você faça'. Então, aí eu não tive escolha, né?

Ramon Vitral: Pelo menos ele não tinha que segurar esse rojão sozinho. Além do próprio chefe, na hora da necrópsia tava lá também um funcionário do necrotério.

Quer dizer: o Lamim foi uma das três pessoas que participaram da necropsia do Elvis Presley.

Raul Lamim: Bom, as conclusões que nós achamos foi o seguinte: não havia, pelo estudo de órgãos, uma condição que justificasse a morte dele. Ele tinha uma hepatomegalia, que todo mundo já sabia.

Ramon Vitral: Eu sei que eu não sou parâmetro, mas eu preciso confessar que eu não tinha ideia de que o Elvis tinha uma hepatomegalia. Aliás, eu nem sabia nem o que é que é hepatomegalia. Depois eu vi que é o crescimento anormal do fígado.

Raul Lamim: Tinha um megacólon que também todo mundo já sabia.

Ramon Vitral: Megacólon é a dilatação e o alongamento do intestino grosso.

Raul Lamim: Só não se sabia exatamente a causa dessas coisas. Supõe-se que ele tinha alguma doença base que nunca foi devidamente diagnosticada, mas foi o que se achou. Eu suponho que ele tenha morrido por asfixia, pela maneira como ele foi encontrado e por algumas coisas que nós observamos no corpo dele.

Ramon Vitral: Essa asfixia teria sido causada por uma overdose de medicamentos controlados. O Lamim não entrou muito em detalhes porque, né, já se passou muito tempo – são mais de 40 anos –; e também por respeito ao sigilo e à intimidade do paciente.

Raul Lamim: Oh, eu me comportei como médico no exercício da função dele, pura e simplesmente assim. Emocionado porque vi uma pessoa que eu gostava muito, como artista, como performer que era admirado no mundo inteiro. Então, eu acho que eu não me senti diferente de ninguém que passou por isso também.

Ramon Vitral: E, assim, vamo parar um segundo pra pensar no tamanho dessa morte.

Hoje em dia o conceito de "astro" internacional, de "estrela" internacional, é muito mais abrangente. Tem o famoso do cinema, da música, do YouTube, do Tiktok...

Mas em 77 num era assim.

Tinham algumas estrelas de alcance mundial; até porque isso tem muito a ver com a expansão da televisão ao redor do mundo; e a maioria dessas estrelas ainda tavam vivas.

Os Beatles, por exemplo: os quatro ainda tavam por aqui.

Até o Charles Chaplin ainda tava vivo. Ele ia morrer ainda naquele ano, 77, mas quatro meses depois do Elvis.

Então de famoso, famoso mesmo, desses que são conhecidos no mundo todo, conhecido de não conseguir andar na rua de jeito nenhum em canto nenhum... o Elvis foi meio que um dos primeiros a morrer.

Antes dele, só a Marilyn Monroe, lá em 62.

Então, assim... fazer a necrópsia do Elvis Presley é uma coisa grande.

Raul Lamim: Eu nunca comentei desde que voltei para o Brasil, esse tipo de coisa, sabe?

Ramon Vitral: Um tempo depois disso, o Lamim terminou o mestrado dele e voltou pro Brasil. E ele nunca fez estardalhaço com o fato de que ele tinha participado da necropsia do Rei.

Na verdade, foi só nos anos 90 que a participação do Lamim acabou divulgada pela imprensa. E de um jeito meio torto.

Raul Lamim: Teve um repórter de uma daquelas redes de televisão americana. O nome dele é Geraldo Rivera. Ele tinha um programa meio sensacionalista e ele esteve lá na cidade com autorização para gastar até um milhão de dólares para ter o atestado, o laudo da necropsia dele. E como correu a notícia lá, nós tivemos a reunião com a cúpula da patologia e dizer que não tinha comentário nenhum a fazer. E eles obtiveram judicialmente o nome das pessoas que participaram da necrópsia. Mas eu, graças a Deus, nunca fui procurado por nenhum deles. Mas o povo sempre fica sabendo. E depois que já era público e notório as coisas, eu até concordei em falar sobre isso, porque há muita especulação a respeito das coisas.

Ramon Vitral: Tem muita especulação a respeito das coisas. Tipo uma das mais famosas teorias da conspiração de todos os tempos: a de que o Elvis não teria morrido.

Teoria da conspiração é teoria da conspiração, né?
Qualquer coisa acaba virando motivo.

Por exemplo: tem quem diga que a grafia do nome do Elvis no túmulo é um indício de que ele não morreu.

É porque o nome do meio dele, Aaron, tá com dois "As" na sepultura, mas com um "A" só na certidão de nascimento.

Daí os seguidores desse boato acreditam que essa grafia errada seria uma espécie de recado: "Ó, eu num morri de verdade".

Tem um outro boato de que ele teria entrado no programa de proteção a testemunhas por causa de um suposto envolvimento accidental com um traficante de drogas mexicano.

Daí ele teria ajudado a CIA a capturar o cara – e, por causa disso, ele precisou mudar de identidade.

Imagina o poder desse traficante de drogas prum astro como o Elvis Presley precisar passar o resto da vida escondido.

Existe até uma Sociedade de Avistamentos de Elvis Presley, a "Elvis Sighting Society". É um grupo de amigos de Ottawa, no Canadá, que tem certeza que o Elvis tá vivo e que mora lá.

Só que só tem um relato de um suposto avistamento do Elvis no site deles. Eu até tentei entrar em contato com eles, perguntando sobre outros possíveis flagrantes do Elvis no Canadá, mas parece que eles desapegaram da brincadeira.

Bom, mas tudo isso pra dizer que foi por isso que eu quis falar com o Lamim.

Não porque eu tenha qualquer dúvida sobre a morte do Elvis.

Mas pra saber o que que o cara que assinou o atestado de óbito do Rei do Rock pensa disso tudo.

Por que será que algumas pessoas caem nesse tipo de teoria da conspiração?

Raul Lamim: Eu sei que isso aí é a vontade que muitos têm de que ele ainda estivesse vivo. Como com relação ao Kennedy, com relação até o Michael Jackson aí. Quer dizer, a vontade que a pessoa tem de que aquela pessoa ainda esteja viva, eles criam essas lendas. Não sei o que que dá a cabeça dele, mas eu até acho engraçado, só. Mais nada.

Ramon Vitral: O Lamim me contou que inclusive precisa volta e meia responder se o Elvis realmente tá morto.

Daí quando ele diz, "Meu amigo, eu tava na necropsia dele", tem quem duvide se aquele corpo era realmente o do Elvis.

Mas é isso: por mais que cê tente rebater cada questionamento com fatos, com informação, negacionista que é negacionista sempre vai ter na manga mais um "e se?". E depois outro. E depois outro...

A coisa às vezes chega num ponto em que o Lamim se vê obrigado a explicar que não é possível sobreviver a uma necropsia.

Cê já procurou saber no que consiste uma necropsia?

Eles cortam o corpo todo do morto.

Tiram os órgãos quase todos.

Tiram o cérebro até.

E depois colocam tudo de volta, e costuram.

Raul Lamim: Não tem como, né? E ninguém faz uma necropsia numa pessoa viva.

Ramon Vitral: Para ter nas palavras do senhor, ele morreu?

Raul Lamim: É claro, morreu. Tanto que trouxeram para o hospital e ele foi submetido a uma necropsia, que é o procedimento legal para quem morre em casa. Toda pessoa nos Estados Unidos que morre em casa, ela tem que ser submetido, submetida a uma necropsia, a um exame pós-mortem.

Ramon Vitral: Um dos grandes hits dos últimos anos de vida do Elvis foi 'An American Trilogy', uma mistura de três músicas populares dos Estados Unidos:

'Dixie', sobre o sul país; 'Battle Hymn of the Republic', o hino do exército da União durante a Guerra Civil Americana; e 'All My Trials', uma canção folk da década de 1950.

'An American Trilogy' foi o grande épico de fim de carreira do Elvis. Uma ode à formação dos Estados Unidos partindo de um dos mais célebres cidadãos estadunidenses de todos os tempos.

Um cara que fez história, entrou pro imaginário coletivo da indústria do entretenimento... e teve a morte atestada por um brasileiro de Santa Rita de Jacutinga.

"Jacutinga", aliás, vem do tupi e quer dizer "jacu branco". Jacu é um pássaro que volta e meia eu vejo aqui em Juiz de Fora, que tem no Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil.

Em Minas, "jacu" também é um adjetivo pra alguém que veio da roça ou do interior – e que, por causa disso, é ingênuo. Jacu. Capiou. Matuto.

Calma, que eu não tô tentando fazer uma poesia de mensagem de WhatsApp aqui, não... é que essa sinapse que eu faço entre "Jacutinga" e "matuto" soou um alarme aqui pra mim quando eu pedi pro Lamim resumir quem era o Elvis pra ele.

Raul Lamim: Coitado, ele era o matuto, pessoa que nasceu num dos estados mais pobres dos Estados Unidos. Quer dizer, uma pessoa que era ajudante de caminhão, caminhoneiro, não sei. E da noite pro dia ele passa de água para vinho. Isso muda. A estrutura da pessoa não está preparada para uma mudança tão radical e tão rápida.

Ramon Vitral: O Elvis. Um matuto. Um capiau. Um jacu. Uma explicação do Lamim de por que a fama do Elvis levou ele pra esse fim.

E uma possível explicação de por que o próprio Lamim fugiu tanto dos holofotes.

Branca Vianna: Esse foi o Ramon Vitral, colaborador do Rádio Novelo Apresenta.

Obrigada por ouvir.

Se você tá gostando do Rádio Novelo Apresenta, um jeito excelente de apoiar a gente é dando cinco estrelas no tocador de podcast em que você tá aí ouvindo a gente – e também deixando um comentário, compartilhando o episódio por aí, contando pros amigos.

Se a gente deixou uma pulga atrás da orelha sobre algum dos assuntos de hoje, dá pra ver material extra no nosso site, radionovelo.com.br.

Essa semana, tem fotos do médico brasileiro no hospital e na época em que ele fez a necropsia do Elvis. E tem mais cobertura do valente Atlético Sorocaba e a foto oficial do jogo entre o Brasil, entre aspas, e a Coreia do Norte.

Se você ainda não fez isso, também recomendo demais assinar a nossa newsletter, que chega toda semana com uma dica de alguém da nossa equipe.

A gente tá sempre procurando histórias.

E dá pra mandar sua sugestão pro nosso email, que é apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e pelo Plínio Lopes.

O André Medeiros fez a captação de áudio da entrevista com o legista do Elvis.

A Júlia Matos e a Bia Guimarães fizeram o desenho de som desse episódio. A gente usou música original de Vitor Rodrigues Dias, de Arthur Kunz e, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.